

**MEMÓRIA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO QUE VIVE NA REGIÃO DO
PANTANAL: ATIVIDADE E EDUCAÇÃO EM MEMORIALISTAS PANTANEIROS**

**MEMORY AND CONSTITUTION OF THE SUBJECT THAT LIVES IN PANTANAL
REGION: ACTIVITY AND EDUCATION IN "PANTANEIROS" MEMORIALISTS**

Lícia Mara Pinheiro Rodrigues Delamo*

Eder Ahmad Charaf Eddine**

Sônia da Cunha Urt***

Resumo: Este estudo baseia-se na análise de três obras memorialistas – *Memória pantaneira*, de Augusto César Proença; *Pantanal pioneiros*, de Abílio Leite de Barros, e *Taboco – 150 anos: Balaio de Recordações*, de Renato Alves Ribeiro – que versam acerca da ocupação da região do Pantanal. Das obras selecionadas foram retirados excertos a partir dos quais busca-se revelar o sujeito que se constitui como pantaneiro pela apropriação da cultura por meio da qual ocorre o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Para a análise proposta, elegeu-se como aporte teórico central a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores que abordam a constituição do sujeito e a evolução de seus processos psíquicos superiores desenvolvidos dentro das relações sociais as quais propiciam a apropriação dos produtos culturais, tanto materiais quanto intelectuais, que são responsáveis pelo desenvolvimento de um sujeito histórico e concreto, localizado na história social humana. Recorreu-se, para tal, aos estudos acerca da memória como possibilidade de compreensão das relações estabelecidas entre o sujeito e o grupo social a que este pertence, uma vez que as lembranças e as testemunhas participam de sua construção identitária. Evidenciou-se que as evocações expressas nas memórias daqueles que participaram do processo de formação da região do Pantanal configura-se como uma viabilidade para desvelar um homem regional que também é universal e uma concepção de sujeito que apresenta características forjadas a partir de sua atividade num espaço adverso permeado por relações sociais inter-relacionadas no tempo e no espaço histórico em que ele vive.

Palavras-chave: pantanal; constituição do sujeito; psicologia histórico-cultural.

Abstract: This study is based on analysis of three memorial works - *Memória pantaneira*, of Augusto César Proença; *Pantanal pioneiros*, of Abílio Leite de Barros, and *Taboco – 150 anos: Balaio de Recordações*, of Renato Alves Ribeiro - that talk about the occupancy of the Pantanal region. Of the selected works, we removed some passages and, from it, we seek to

* Mestre em Educação, Graduação em Letras. Professora da Universidade Anhaguera/UNIDERP. E-mail: liciarodrigues12@gmail.com

** Mestre em Educação, Graduação em Psicologia. Professor do Colegiado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins, membro do Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO/UFT e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia e Educação/UFMS. E-mail: ederaahmad@mail.uft.edu.br

*** Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia e Educação/UFMS. E-mail: surt@terra.com.br

reveal the subject that constitutes itself like “pantaneiro”, with the appropriation of culture where happens the process of learning and development. For the proposed analysis, was chosen the historical-cultural perspective of Vygotsky, and his collaborators, as central theory, to discuss the constitution of the subject and the development of higher psychological processes developed within the social relations, that provide the appropriation of cultural products. These products are related to material and intellectual aspects, too, and are responsible for the development of a historical and concrete subject, located in human social history. We used, for to achieve this objectives, the studies about memory as a possible understanding of the relationships established between subject and group, which he belongs, since the memories and witnesses participate in his identity construction. We conclude that the evocations expressed in the memories of those who participated in the process of formation of the Pantanal region, figure as a viability to reveal a man who is regional and universal, and a conception of subject that features forged characteristics from his activity, in one adverse space permeated by social relations inter-related in time and space history in which he lives.

Key words: pantanal; constitution of the subject; historical-cultural psychology.

Introdução

O presente estudo faz parte de um projeto de pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT/MS, coordenada pela Prof^a Dra. Sonia da Cunha Urt. Essa pesquisa maior investiga a constituição dos sujeitos que vivem na região pantaneira, evidenciando a educação expressa em seu fazer.

O estudo baseia-se na análise de três obras memorialistas – *Memória pantaneira*, de Augusto César Proença; *Pantanal pioneiros*, de Abílio Leite de Barros e *Taboco – 150 anos: Balaio de Recordações*, de Renato Alves Ribeiro – que versam acerca da ocupação da região do Pantanal.

A partir das memórias expressas nas obras citadas acima, busca-se revelar o sujeito que se constitui como pantaneiro. Sujeito este que se apropria da cultura por intermédio da qual ocorre seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. A análise privilegia como aporte teórico a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores que abordam a constituição do sujeito e a evolução de seus processos psíquicos superiores desenvolvidos dentro das relações sociais as quais propiciam a apropriação dos produtos culturais, tanto materiais quanto intelectuais, que são responsáveis pelo desenvolvimento de um sujeito histórico e concreto, localizado na história social humana.

Assim, no primeiro momento, recorreu-se aos estudos acerca da constituição do sujeito; no segundo momento sobre a memória como possibilidade de compreensão das relações estabelecidas entre o sujeito e o grupo social a que este pertence, uma vez que as lembranças e as testemunhas participam de sua construção identitária. Por fim, analisam-se as obras para extrair delas as compreensões sobre atividade e educação na ocupação do Pantanal.

A constituição do sujeito a partir da Psicologia Histórico-Cultural

A perspectiva teórico-metodológica que ampara este estudo ancora-se nos estudos realizados por Vigotski e seus colaboradores, entre os quais se destacam Luria e Leontiev, que construíram uma teoria que tem por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo histórico-cultural em que se enfatiza o papel da aprendizagem nesse desenvolvimento ao valorizar a aquisição de conhecimento pela interação do sujeito com o social. A partir da apropriação dos elementos da cultura é que são desenvolvidas as funções psicológicas superiores por meio de elementos mediadores: os instrumentos (todo e qualquer objeto criado pelo homem com a finalidade de interferir na natureza, facilitando o seu trabalho e garantindo sua sobrevivência) e os signos (“instrumentos psicológicos” que representam objetos, acontecimentos, situações, etc.)

Instrumentos e signos servem como base para a ação do homem no mundo em que está inserido. Assim, o processo de formação do pensamento da criança está condicionado à sua vivência social, por meio de uma relação de comunicação constante entre ela e os outros, como também pela utilização de instrumentos externos. Essas ações são transformadas em processos internos e a esse movimento de passagem de um plano a outro Vigotski denominou de processo de internalização.

Nesse sentido, a linguagem assume papel primordial nas relações sociais e na construção do pensamento generalizante e serve para proporcionar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo. Ao estudá-la Vigotski (2009) procurou entender o pensamento verbal como um casamento que envolve pensamento e palavra e que pode ser compreendido a partir do significado das palavras que, por sua vez, representa atos dos pensamentos que se expressam por intermédio de generalizações ou conceitos. As palavras não mantêm um significado estático, mas este se modifica e é por meio delas que o pensamento passa a existir e esse é o elemento constituidor do sujeito.

Dentro dessa abordagem, Leontiev (2004a) ressalta que a evolução dos homens e a sua “fixação” através das gerações, contrapondo-se às teorias que reduzem a discussão ao aspecto biológico, ocorre sob a forma dos fenômenos externos da cultura material e intelectual. Essa relação se dá apenas com os homens, pois são estes que possuem a capacidade criadora e produtiva por meio do trabalho.

Leontiev (2004a) ressalta ainda que a relação do homem com o mundo exterior objetivo se dá de forma ativa. A apropriação dos objetos e fenômenos ocorre a partir da atividade do indivíduo, na sua relação com o mundo e com outros homens – a esse processo corresponde à educação. Nesse processo o sujeito aprende o significado das cristalizações construídas pelas gerações precedentes e ao se apropriar dessas cristalizações o homem dá um passo à frente no desenvolvimento histórico.

Para analisar o processo de desenvolvimento psíquico do sujeito, Leontiev (1978) elegeu três categorias, a saber: atividade subjetiva, consciência e personalidade. A consciência é abordada como uma forma superior essencialmente humana da psique que surge das significações linguísticas fixadas na linguagem por meio da interação social.

Dessa forma, Leontiev (2004b, p. 102) considerava a significação como “[...] o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento [...]”, atribuindo-lhe um sentido pessoal que é determinado pelo motivo de sua ação. Quanto à personalidade, Leontiev (2004b, p. 129) aponta: “[...] *não se nasce personalidade*, chega-se a ser personalidade por meio da socialização e da formação de uma endocultura, através da aquisição de hábitos, atitudes e formas de utilização de instrumentos.”

Ao elaborar uma revisão crítica da obra de Leontiev, González Rey (2003) atribui-lhe um caráter objetivista e positivista, embora não desprezasse a importância que sua teoria – principalmente no que diz respeito às categorias de sentido e significado – apresenta para a discussão em torno da constituição da personalidade do sujeito, pois considera que a subjetividade deve ser vista como forma de organização dos processos de sentido e significado vivenciados pelo sujeito, os quais servem para constituir a sua identidade. Essa subjetividade é social e não deve ser encarada como abstração, pois “[...] é o resultado de processos de significação e sentido que caracterizam todos os cenários de constituição da vida social, e que delimitam e sustentam os espaços sociais em que vivem os indivíduos” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 205).

Assim, os sujeitos concretos atuam de forma simultânea individual e social “[...] e a forma como suas ações se integram no sistema da subjetividade social não depende de suas intenções, mas das configurações sociais em que essas ações se inscrevem e dos sistemas de relações dentro dos quais cobram vida.” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 206)

Analisando-se esses conceitos, chega-se à compreensão de que o sujeito se constitui por meio de um processo social, cultural e educativo no qual a linguagem ocupa um papel primordial, já que é responsável pela atribuição de sentido e significado à atividade humana.

A questão da memória e suas implicações na constituição do sujeito

Faz-se necessário agora esclarecer o conceito de memória que se pretende focalizar neste estudo, como também sua implicação na construção da identidade do sujeito, uma vez que muitos são os conceitos que se encontram permeados pelas teorias biologizantes ou que apontam como uma faculdade individual. Neste trabalho a memória está ancorada em conceitos da perspectiva histórico-cultural, cujo principal representante é Vigotski, que a define como capacidade humana de origem e natureza cultural e simbólica e, portanto, socialmente construída. Dessa forma, a memória que pode ser simplificada na capacidade de conservação e reprodução de informações é elementar e involuntária. Para o autor,

Essa memória [natural ou elementar] resulta da ação direta das impressões externas das pessoas e é tão direta quanto a percepção imediata, com a qual ainda não interrompe a conexão direta. Do ponto de vista estrutural, a mais importante característica desse processo como um todo é o imediatismo, uma característica que relaciona a memória da pessoa com a do animal; sendo correto chamá-la de memória natural. (VYGOTSKY, 1930; 1999, p. 46 *apud* ALMEIDA; ANTUNES, 2005, p. 5).

O domínio da memória natural ou elementar começa com a utilização de instrumentos para a atividade. Com a ajuda de ferramentas, o homem pode dominar voluntariamente a memória. Dessa forma, Vigotski e Luria (1996, p. 114) apontam que “o desenvolvimento histórico da memória começa a partir do momento em que o homem, pela primeira vez, deixa de utilizar a memória como força natural e passa a dominá-la”. Os autores explicam que a passagem do desenvolvimento natural da memória para o desenvolvimento cultural começa com a escrita e que esse fato [...] constitui um ponto crucial ou mudança súbita que determinou todo o curso posterior do desenvolvimento cultural da memória humana. (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 117).

Para Vigotski (1998, p. 33) “no caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais que se tornam a

causa imediata do comportamento”, ou seja, o uso de instrumentos externos para lembrar é, sem dúvida, “o ato de memorizar mais simples usando auxílio do meio externo.” (VIGOTSKI, 1998, p. 37-38).

Nessa direção, a memória é a função psicológica que garante a utilização de signos e que transforma os signos externos em signos internos. Dessa forma a internalização ocorre mediante um processo em que “os signos externos, de que as crianças em idade escolar necessitam, transformam-se em signos internos, produzidos pelo adulto como um meio de memorizar.” (VIGOTSKI, 1998, p. 40). Assim, segundo o autor: a memória “[...] em fases bem iniciais da infância, é uma das funções psicológicas centrais, em torno da qual se constrói todas as funções”. (VIGOTSKI, 1998, p. 47). O pensar, então, na infância, está intimamente ligado à memória.

Num estágio posterior, quando o indivíduo (adolescente ou adulto) se apropria das formas superiores, este passa a controlar suas ações e a memória transforma-se numa função do pensamento possibilitando ao indivíduo recordar algo que ele deseja por intermédio de signos auxiliares. Dessa forma, aquilo que vai ser memorizado é constituído por elementos abstratos e a memória passa a ser basear na lógica. Segundo Vigotski e Luria (1996, p. 118): “O desenvolvimento histórico da memória humana pode ser resumido, básica e primordialmente, como o desenvolvimento e o aperfeiçoamento daqueles meios auxiliares que os humanos sociais elaboram no processo de sua vida.”

Assim, a memória do homem, que coloca por meio da escrita o que precisa ser lembrado, está intimamente ligada e subordinada ao ambiente externo, no ambiente social do homem. Indo ao encontro dessa perspectiva Kenski (1995, p. 146) concebe a memória como “um movimento permanente de reconstrução, determinado pelas condições concretas e emocionais do sujeito no momento presente.”. Para a autora, a memória é uma construção social e depende do relacionamento do sujeito com seu grupo. As lembranças são partilhadas no mesmo espaço histórico e cultural, posição amparada na tese de Maurice Halbwachs (2004) em seu estudo sociológico sobre a vida cotidiana.

Halbwachs (2004) analisa a memória como lembranças individuais vinculadas a uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Assim, a rememoração encontra-se na dependência de que outros estejam presentes, portanto, tornam-se responsáveis pelo ponto de vista, pelas ideias e sentimentos que o sujeito assume por estar em contato com o grupo. Nessa direção, já que as lembranças encontram-se na dependência daquilo que foi vivenciado em grupo, elas podem ser reconstruídas:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004, p. 75-76).

Dessa maneira, os guardados da memória explicitam, segundo o autor, que o sujeito mantém uma dependência em relação aos espaços institucionais que cercam o seu cotidiano, representados pela escola, pela família, pelos amigos, espaços esses que ele elege como significativos os quais atestam que a memória social se ancora no compartilhamento do individual com o coletivo e, nesse sentido, a linguagem assume papel de socializá-la e unificá-la.

Porém, para Halbwachs (2004), mesmo que a memória seja diretamente dependente de sua origem coletiva, a existência de sua construção individual não pode ser desconsiderada. Conforme o autor, esta toma como base as percepções fornecidas pela memória vivida no mesmo contexto histórico e cultural vivenciado em diversos grupos sociais a que o sujeito faz parte desde a infância.

Na mesma direção do referido autor, Bosi (2003, 16) afirma que “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade.”, porém reconhece a força coletiva da memória sobre a memória individual, pelo fato de que a memória coletiva utiliza-se dos laços de convivência familiares, escolares e profissionais e “[...] entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre a vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 1994, p. 410-411).

A autora ressalta o poder de seleção da memória a qual tem a liberdade de escolher no tempo e no espaço acontecimentos que se relacionam por meio de índices comuns. Nesse sentido, Bosi (1994, p. 415) afirma que nossas lembranças estão condicionadas a uma divisão de tempo peculiar: “[...] A infância é larga, quase sem margens, [...] o território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido”. A autora considera ainda que a memória apresenta uma sucessão de etapas que se divide em marcos os quais sinalizam o significado que o narrador dá a determinados fatos sempre valorizando os acontecimentos coletivos em detrimento dos que têm valor individual.

Os espaços privilegiados pela memória estão ligados aos lugares vivenciados na infância: “A criança muito pequena pode ignorar que seu lar pertence a um mundo mais vasto. O espaço que ela vivencia, como o dos primitivos, é mítico, heterogêneo, habitado por

influências mágicas. (BOSI, 1994, p. 436). Porém, outros espaços também são valorizados, dependendo do vínculo afetivo que os narradores estabelecem com eles.

Assim, considerar esse aspecto social da memória, por meio das narrativas trazidas pelos memorialistas que vivenciaram a realidade no espaço da região do Pantanal, serve para desvelar as relações estabelecidas historicamente entre o homem e sua região e o significado de sua atividade nesse espaço, que serve para constituí-lo como um sujeito pantaneiro.

Pontuações acerca do Pantanal e do sujeito pantaneiro

Cumpre-se ressaltar que, segundo Nogueira (1990, p. 11) “o Pantanal, [...] é por força da Constituição Federativa do Brasil/1988, Artigo 225, um Patrimônio Nacional. Ao mesmo tempo em que é um patrimônio ambiental, é um patrimônio cultural, que os brasileiros precisam conhecer para aprender a defender”. É um lugar, que abrange mais de um país e mais de um estado da federação. Com seus aproximadamente 140.000 km² de extensão, só em território brasileiro ocupa área de dois estados da região Centro-Oeste, Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS), exatamente a Sudoeste desses estados.

Pantanal, nesse contexto, não significa pântano, lamaçal, lodo, como se pode pensar à primeira vista. Pantanal é a “denominação que se dá a um *habitat* úmido, ou melhor, a uma considerável superfície banhada pelo complexo hidrográfico formado por centenas de rios que nascem nos planaltos adjacentes, deságuam no rio Paraguai e lhe dão uma fisionomia especial” (NOGUEIRA, 1990, p. 12).

Quanto ao termo sujeito pantaneiro, este se refere a homens e mulheres que vivem na região do Pantanal, que tenham nascido ou não nesse espaço ou, ainda que já o tenham deixado, ainda mantêm algum tipo de vínculo com ele. Segundo Morettini e Urt (2010) :

Trabalhamos com a ideia de que não há um homem “pantaneiro” especificamente, mas sim sujeitos produtores de sua existência no espaço do Pantanal e, assim, produzem uma experiência cultural com traços singulares em razão das especificidades locais. Trata-se de um homem que é universal, pois, é como todos os outros homens, mas também é singular em razão da forma como organiza e produz sua existência, nesse caso, no Pantanal.

Essa posição é também defendida por Nogueira (1990, p. 13) que aponta “[...] homem pantaneiro, entenda-se, aqui, o elemento nativo do Pantanal ou aquele que nele vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região”. Portanto, para entender

esse homem, que é singular e ao mesmo tempo universal é preciso pensar que as características singulares estão contidas no universal e o contrário também.

Para Alves (2003, p. 28) “[...] se o singular é a forma singular de realização do universal, só iluminado pelo universal e através dele pode conter elementos que contribuam para cimentar a identidade entre os povos”. Fazer uma pesquisa sobre a região do Pantanal, principalmente das produções artísticas consideradas dessa região, não se pode omitir que tais artefatos da cultura também pertencem ao universal e contém características deste. Assim, para Alves (2003):

Todas as diferenças realçadas são mais de grau; não são diferenças qualitativas. As especificidades das diferenças nações latino-americanas e mesmo de distintas regiões brasileiras, dessa forma, não são excludentes. Tais especificidades não são intrínsecas nem as nações nem às regiões, pois são especificidades determinadas pelo capital. Extrapolam, portanto, Mato Grosso do Sul, o Brasil e as demais nações latino-americanas. São essencialmente universais. Só assim pode ser tratada, conseqüentemente, a questão de nossas especificidades culturais; só nesse sentido, e exclusivamente nesse sentido, podemos falar em especificidades culturais. (ALVES, 2003, p. 26)

As especificidades da região pantaneira subordinam-se à unidade cultural, “[...] pois o singular é sempre uma forma de realização do universal” (ALVES, 2003, p. 28).

Esse esclarecimento se faz relevante, pois, conforme adverte Caruso (2002, p. 9), nesse espaço “[...] tiranicamente, fauna e flora dominam, sufocando qualquer lembrança para além delas mesmas. Pantanal é mata e bichos, brejos e peixes, rios e aves. O homem, no entanto, quando é lembrado, é apenas vilão”. Percebe-se que a figura do homem na região do Pantanal é importante na constituição desse ecossistema, contudo a visão que se tem sobre esse homem, em muitas abordagens, perverte-lhe as ações e sufoca-lhe a voz. São recentes as pesquisas acerca do homem pantaneiro as quais o privilegiam como o centro do cenário em questão.

Mas, afinal, que características são atribuídas a esse homem pelos pesquisadores que o privilegiam?

Nogueira (2009, p. 151) define os sujeitos pantaneiros como descendentes de uma formação cultural híbrida, produto de diversas mesclas interculturais aos quais denomina de “senhores dos pantanais” que desempenham as mais diferentes funções:

[...] fazendeiros, gerentes de fazenda, capatazes de campo, boiadeiros, peões campeiros, peões praieiros, guieiros, piloteiros, representantes de uma população rarefeita, cada vez mais pressionada para a vida fora dos pantanais, acoissados por problemas similares aos que determinam a migração do campo em direção à cidade.

Esses sujeitos são descritos pela autora como uma gente detentora de tradições em que se destacam a “[...] a solidariedade, a hospitalidade, a sabedoria empírica, o imaginário aguçado, o cuidado com a preservação da natureza, o mate-quente e, sobretudo, o tereré, além das festas tradicionais em que não faltam os bailes, a música regional, o churrasco.” (NOGUEIRA, 2009, p. 151).

Além disso, no que diz respeito ao manejo do gado, a “traia” de campo é quase sempre confeccionada pelo próprio campeiro e, em relação às práticas do dia-a-dia o “homem dos pantanais” detém “saberes tradicionais” que servem para orientá-lo:

Perscrutar a natureza, para verificar a direção dos ventos e diagnosticar as condições atmosféricas; observar o comportamento dos animais; a postura e o canto das aves; a época de florescimento das piúvas, para prever a chegada das chuvas, das enchentes, do estio, durante muito tempo fez parte do conjunto de saberes tradicionais, que auxiliaram o pantaneiro a desenvolver e a cultivar um tipo de comportamento interativo entre homem e natureza. E, ainda, observar as fases da Lua, para descobrir o melhor tempo para o plantio, a colheita, o manejo do gado, tudo isso fez e, às vezes, ainda faz do pantaneiro típico um verdadeiro climatólogo, um astrólogo, um semiólogo, enfim, um conhecedor de seu *habitat*, capaz de ler nos signos naturais, indícios e mensagens desconhecidas para os não iniciados nesse tipo de sabedoria empírica. (NOGUEIRA, 2009, p. 151-152)

Dentre esses aspectos destacam-se também as práticas relacionadas ao uso da medicina caseira reforçada, muitas vezes, por simpatias e benzeções, porém, atualmente, com a possibilidade de acesso às cidades próximas proporcionadas pela melhoria das estradas e pela agilidade dos meios de transporte, tais práticas encontram-se em fase de extinção.

Faz parte também das tradições do povo pantaneiro as crenças nas lendas rurais, nos mitos, nas superstições e nos “causos” trazidos por portugueses, mamelucos ou recebidos dos indígenas e ainda as festas religiosas que expressam a predominância do catolicismo que, segundo a autora, também se encontra em decadência pela proliferação de novos tipos de credos.

Campestrini (2010) define o pantaneiro como um homem zeloso de sua história e de sua cultura, embora discorde das abordagens que o apontem como detentor de uma concepção cultural particular. O que o autor defende é que a cultura pantaneira possui suas especificidades, mas esta não chega a se constituir como uma cultura autônoma.

Não se pode negar, todavia, que havia (e há), nesse homem pantaneiro, uma leitura diferenciada das coisas e até do mundo. Provam-no sua linguagem, suas crenças, sua fé, suas orações, sua lealdade e seu devotamento à família. É preciso, todavia, ter cuidado. Se o Pantanal é visto como “santuário ecológico”, um mundo diferente – o que é verdadeiro – não se pode concluir que seus habitantes também constituam uma cultura totalmente diferente. (CAMPESTRINI, 2010, p. 12)

De forma semelhante, Leite (2003, p. 24-25) adverte o cuidado que se deve ter em relação à utilização do termo homem pantaneiro, já que:

Uma série de categorias, ou grupos sociais, diferentes entre si que, por viverem no Pantanal, podem ser incluídas genericamente nesta expressão. Mas, é conveniente reter que há diferenças internas que vão caracterizá-las como categorias diferentes. Muitas vezes, há disputa, entre grupos, pela auto-legitimidade deste termo-identidade. Aqui entende-se, [...], homens e mulheres que vivem no Pantanal. Muito mais que uma categoria metonímica do espaço do que social.

As considerações anteriormente pontuadas servem para sustentar a ideia de um sujeito pantaneiro histórico e concreto possuidor de uma singularidade forjada nas relações sociais que não exclui o seu aspecto universal.

Constituição do sujeito pantaneiro sob o enfoque dos memorialistas: análise e discussão

A princípio, ao se tomarem as memórias daqueles que conviveram (e ainda convivem) na região do Pantanal e, dessa forma, dela fazem parte, pretende-se neste tópico abordar, mediante essas memórias, os primórdios da ocupação dessa área e a visão que os memorialistas selecionados têm a respeito das singularidades das situações vivenciadas, durante décadas, pelos desbravadores e o inevitável entrecruzamento de suas histórias com a história das regiões de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e, conseqüentemente, do nosso país. Dessa forma, recupera-se a descrição de Proença (2003) a qual servirá de base para a análise proposta neste estudo:

O desbravador foi aquele descendente de índio e bandeirante paulista, que ia abandonando as lavras exauridas à procura de outra ocupação em que pudesse se expandir. Recebendo qualidades predominantes nessas etnias, ele se formou forte; de um lado adquiriu o misticismo, a humildade, a desconfiança e a paciência dos nativos; do outro, o ardor, a coragem e a ambição do mameluco, para poder se embrenhar num lugar inóspito e vencer os obstáculos que lhe se apresentavam pela frente. (PROENÇA, 2003, p. 21)

A partir dessa breve descrição, buscamos respaldo na teoria de Vigotski para tentar compreender um sujeito que apresenta marcas dos contextos educativos, sociais e culturais diferenciados em seu processo de desenvolvimento, no qual as relações com outros sujeitos mediadas pela linguagem proporcionam a internalização de conhecimentos, valores, significados e funções sociais e, segundo González Rey (2004, p. 4), essas “[...] relações humanas organizam-se, desde muito cedo, como sistema em que as expressões emocionais têm um papel muito importante [...]”.

Assim, as evocações da memória dos escritores selecionados serão apresentadas sempre em espaços permeados pela presença do outro que se encontra nos complexos

sistemas de relações entre as pessoas que fazem parte dos espaços institucionais nos quais os relacionamentos têm lugar (González Rey, 2004), sempre delimitados em um tempo.

Analisando as histórias narradas nas obras selecionadas, procuramos resgatar as evocações que confirmam um primeiro aspecto a respeito dos desbravadores: “o ardor e a coragem” que propiciaram o “embrenhar num lugar inóspito. Nesse sentido, seguem-se as narrativas a respeito dos protagonistas formados por “[...] homens, mulheres e crianças que construíram um passado, enfrentando adversidades várias para que pudessem se adaptar aos caprichos da natureza inconstante desse “paraíso decantado pela contemporaneidade.” (PROENÇA, 2003, p. 7):

Os primeiros tempos da Fazenda Firme foram muito duros para a Chechê; em depoimento [...], de certo modo se recusa a falar daqueles tempos, diz-se muito esquecida. Explica “que quase não se lembra desses tempos passados, porque não gostava de recordar”. Ficava triste lembrando o passado, tanto mais que sofreu muito. [...] Ao vir do Livramento não foi diretamente para o Pantanal, ficou algum tempo em Corumbá. Tempo que o Nheco dava alguma providência para recebê-la na tapera do Barão – pelo menos um rancho. A viagem de Corumbá até Palmeira foi em um batelão “que tinha camarotinho e tolda” [...]. A partir de Palmeira a viagem foi feita em carro de bois que costumava ser toldado com couros para o abrigo do sol e chuva. O gado viajou junto. Da chegada à Fazenda Firme lembra que “a casa era um rancho” [...]. Nesse rancho se abrigou. Trazia no colo o primeiro filho, com seis meses – Mario. (BARROS, 2007, p. 51).

Se há alguém que mereça destaque nestas páginas, esse alguém é, sem dúvida, a mulher pantaneira. Pensar nessa companheira que participou da fundação das primeiras fazendas, seguindo o marido pelos caminhos isolados do Pantanal, é se encher de admiração e de profunda emoção. Viagens longas e cansativas em carro de bois, batelões e canoas; o terrível isolamento a que se sujeitou numa região distante dos centros civilizados; a precariedade de comunicação; a falta de recursos médicos; a saudade que batia dos filhos que cresciam e iam estudar nas escolas da cidade; tudo isso foi moldando na mulher pantaneira certas regras de viver, apenas compreensíveis pelo amor ao companheiro, a fê em Deus e o enorme afeto pela região que a fez soberana e a consagrou heroína. A mulher inspirou a coragem, proporcionou o estímulo, deu a continuidade ao processo de desbravamento e desenvolvimento econômico e social do Pantanal, unindo a família, transmitindo a esperança de dias melhores. (PROENÇA, 2003, p. 78).

A pega de um gado bagual de modo geral, representa uma tarefa árdua e arriscada. Era um trabalho penoso, principalmente pelo calorão do Pantanal e pelas suas intermináveis secas. [...] Quantos e quantos anos não se ficava à espera de uma chuva boa para juntar água nas lagoas e para iniciar o serviço. O Pantanal era só nome, pois água era uma raridade e uma preciosidade de tão grande valor que nenhum trabalho de gado poderia ser feito antes das grandes chuvas. (RIBEIRO, 1984, P. 101)

Os excertos trazidos revelam as dificuldades enfrentadas pelos desbravadores para chegar aos lugares em que deveriam se instalar para desenvolverem suas atividades. Essas dificuldades envolviam grandes distâncias, meios de transporte sem conforto, escassez de

recursos médicos e de comunicação, solidão e, no que se refere à lida com o gado, os perigos e as dificuldades causadas pelas intempéries do tempo como, por exemplo, as secas.

Uma vez instalados, o que se pode perceber é que as narrativas, a partir de então, aparecem fortemente ligadas à atividade humana que expressam um segundo aspecto em relação a descrição feita por Proença (2003) acerca dos desbravadores: “a ambição” para “vencer os obstáculos”.

Para Leontiev (1977) a atividade é tida como um meio de estruturação da consciência e da personalidade humana. O conceito de atividade humana, para o autor, aparece sempre ligado ao conceito de motivo. Para ele uma atividade “não motivada” não é uma atividade sem motivo, mas uma atividade com motivo subjetiva e objetivamente escondido. Portanto, toda atividade visa a uma finalidade, assim, a ação é considerada como o processo que corresponde à noção de resultado que deve ser alcançado, ou seja, como um processo que obedece a um fim consciente.

Com base nesse conceito, observa-se o sujeito pantaneiro envolvido em atividades que exigem sempre um processo de aprendizagem, mas que este nem sempre é formal, uma vez que os espaços de transmissão de conhecimento muitas vezes acontecem de maneira inconsciente, na relação informal com os outros seres humanos.

Portanto, partindo desse pressuposto que se percebe que as relações no espaço pantaneiro se apresentam numa configuração em que as tarefas – sempre ligadas à pecuária – aparecem bem definidas. Dentre elas aparece, a princípio, a figura do vaqueiro que, segundo Barros (2007), além de ser uma definição profissional, também era uma “qualificação adjetiva”, já que ser vaqueiro era função desenvolvida com orgulho inclusive pelos patrões. Sua origem assim é descrita por Proença (2003, p. 21):

O vaqueiro se originou do índio: do guató, do guaná, dos xamacoco e guaicuru, os primitivos donos da terra; também do negro escravo que veio para as minas de ouro e, depois, para as plantações de cana. Acompanhou o desbravador por caminhos vários e, já no Sul, recebeu a influência dos paraguaios, absorvendo-lhe os costumes, os traços fisionômicos, formando um tipo de vaqueiro diferente do vaqueiro do Norte: o típico poconeano.

A figura do vaqueiro, contudo, não se restringe apenas descrição de um tipo físico. Mais que isso. Significa, nessa cultura, alguém que é admirado pelo desempenho de sua atividade; ou seja, por sua disposição na lida, por sua boa conduta, coragem e fidelidade, o vaqueiro é exaltado e sua atividade reconhecida como uma das principais na consolidação da conquista da região pantaneira e, por isso, essa função, outrora era desempenhada até pelos

patrões, em uma relação que desfazia a hierarquia, uma vez que, patrões e empregados consideravam-se parceiros.

Quando dizemos, por exemplo, que Nhô Juca da Esperança era vaqueiro, estamos falando da qualificação adjetiva, pois ele era patrão; melhor dizendo: ele era um patrão muito vaqueiro. Vê-se que o nome substantivo adjetivou-se. Isso se explica por uma situação muito própria da lida campeira: o seu aspecto competitivo e alegre. (BARROS, 2007, p. 55)

Quando o mano e eu chegamos, formados, para trabalhar no Taboco, ainda lidamos muito tempo com empreiteiros de pega de gado. [...] O nosso gado era da pior qualidade. Urgia melhorá-lo e amansá-lo. [...] Foi uma luta intensa, mas sempre fui auxiliado por pessoal muito bom. [...] A pega do nosso gado bravo – o touro, principalmente, que era uma verdadeira fera – representava um desafio ao homem do campo. Quantos e quantos cavalos morreram estripados pelos chifres dos touros e vacas. [...] O trabalho do vaqueiro era árduo, mas cheio de satisfação. Toda manhã, antes de clarear o dia, cada peão contava suas façanhas na rodada do chimarrão [...] Eram verdadeiros heróis, lutando pela consolidação das conquistas do solo pátrio, procurando firmar o povoamento da região. O vaqueiro foi o consolidador das conquistas dos bandeirantes e mineradores, por isso aproveitou para render a minha gratidão e homenagem a esses brasileiros simples, ignorantes, mas muitas vezes inteligentes e audazes. (RIBEIRO, 1984, p. 110-118)

Outras atividades expressam atividades cotidianas – como aquelas desenvolvidas pelos “operários especializados” na matança do gado e no preparo da carne que deveria ser seca para ser comercializada, ou entre aqueles que compravam o gado, os boiadeiros – evidenciando as trocas estabelecidas entre o grupo cultural de que o sujeito faz parte, fortalecendo o caráter ativo desse sujeito no processo de constituição de sua identidade:

À meia noite uma sirene estridente acordava toda a comunidade. A faina ia começar. O homem lá em cima no mangueiro deveria começar o uso do punhal para desnuciar as rezes que, laçadas, se aproximavam puxadas por uma catraca movida a motor. Iam caindo desacordadas em um carrinho sobre trilhos que abrigavam três animais de cada vez. Puxado o carrinho as três rezes eram distribuídas aos ressoleadores que já aguardavam amolando facas. Eram operários especializados que, em poucos minutos, deveriam tirar o couro, as vísceras e esquartejar o animal, tudo no chão. [...] Os quartos eram pendurados e entregues à turma da desossa. Depois os manteadores abriam as peças em grandes mesas com as tampas curvas [...] Antes do amanhecer começava a faina da pandilha – a turma que cuidava da secagem da carne. [...] Os pandilheiros faziam o transporte diário de toda a carne das pilhas para os varais ou para o depósito, em carrinhos de madeira empurrados à mão – serviço pesado. Acho que estas anotações não caberiam bem neste livro, mas são memórias, talvez caibam. São memórias de menino, pois no meio daquele cheiro forte de sangue e carnes passava minhas férias de fim de ano, tempo de safra. Memórias de meu pai, um homem franzino, pequeno, sempre sorrindo, comandando aqueles homens, maioria paraguaios, uruguaios e correntinos. (BARROS, 2007, p.198)

Simples. Muito simples. Montado num burrinho de estimação, cigarro de palha no canto da boca, alforje com a rede e pareio das roupas, chapéu de feltro sombreando o rosto barbado e seco de poeira, o laço, o guampo para o tereré do quentar do dia e uma guaiaca estufada de dinheiro, assim chegava o boiadeiro, comprador de gado das antigas e tradicionais fazendas do Pantanal. Aparecia sempre detardinha e já o gadão estava preso no mangueiro para o aparte do dia seguinte. [...] Transportadores de gado, muitos desses boiadeiros tornaram-se amigos dos fazendeiros, figuras

conceituadas pela seriedade com que realizavam os negócios [...]. (PROENÇA, 2003, p. 84)

A partir das análises trazidas até aqui, depreende-se que o sujeito que se constitui num espaço adverso permeado por relações sociais em que a atividade principal é a pecuária e, em torno dela, esse sujeito apreende a cultura pelo processo de educação e ensino desenvolvido por meio das práticas cotidianas realizadas nessa atividade. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que opera nesse espaço e o transforma, é também transformado por ele.

Considerações finais

Conforme já citado, para a Psicologia Histórico-Cultural o processo de constituição do sujeito se dá a partir das relações sociais que ocorre por intermédio da apropriação, ao longo das gerações, dos conhecimentos e da “evolução” adquirida historicamente. O processo de “fixação” desses conhecimentos denomina-se educação, sendo que as diferentes sociedades e culturas desenvolvem uma educação específica, determinada pelas necessidades da realidade objetiva. É na relação com a sociedade que o homem se constitui homem, ou seja, se humaniza, ao apropriar-se da cultura material e intelectual desenvolvida historicamente pela sociedade.

Ao se valorizar as memórias daqueles que participaram – direta ou indiretamente – do processo de formação da região do Pantanal, objetivou-se conhecer a constituição identitária dos sujeitos que, por meio do ardor, da coragem e da ambição, embrenharam-se num lugar inóspito para vencer os obstáculos que lhe eram apresentados. (PROENÇA, 2003).

O que se depreende das três obras selecionadas neste estudo é que o sujeito denominado pantaneiro se constitui mediante o processo de apropriação da cultura legada pelas gerações precedentes e transmitidas por intermédio da linguagem por meio das atividades que realiza no contato com as pessoas nas relações objetivas da realidade.

Assim, a constituição do sujeito que vive no Pantanal se dá a partir de sua atividade concreta no tempo e espaço singular dessa região que também é universal.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. H. V. de; ANTUNES, M. M. A teoria vigotskiana sobre memória: possíveis implicações para a educação. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação, 28, 2005, Caxambu-MG. *Anais eletrônicos*. Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acessado em: 14 jan. 2010.

ALVES, G. L. O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: _____. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande, MS: Editora Uniderp, 2003. p. 1-17.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. Sob o signo de Benjamin. In: _____. *O tempo vivo da memória – Ensaio de Psicologia Social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CAMPESTRINI, H. Prefácio. In: *Cancioneiro do Pantanal*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

_____. O sujeito, a subjetividade e o outro: a dialética complexa do desenvolvimento humano. In: Martinez, A. M.; SIMÃO, L. M. (Org.). *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

KENSKI, V. M. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, I. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 137-159.

LEITE, M. C. S. *Águas Encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagem e mitos do Pantanal*. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003.

LEONTIEV, A. N. Activity and Consciouness. In: *Philosophy in the USSR – Problems of Dialectical Materialism*. Trad. Jorge Correia Jesuíno. Moscow: Progress Publishers, 1977, p. 180-202.

_____. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. In: VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004 (a), p. 425-470.

DELAMO, L. M. P. R.; EDDINE, E. A. C.; URT, S. C. *Memória e constituição do sujeito que vive...*. *O desenvolvimento do psiquismo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004 (b)

MORETTINI, M. T.; URT, S. C. Introdução. In: *Cancioneiro do Pantanal*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

NOGUEIRA, A. X. Pantanal: Entre o apego às antigas tradições e o apelo às mudanças. *Albuquerque: revista de História*, Campo Grande, MS, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009. p. 145-164.

_____. *O que é Pantanal*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, L. S. *O desenvolvimento Psicológico na Infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

Referências das obras analisadas

BARROS, A. L. *Pantanal pioneiros: álbum gráfico e genealógico de pioneiros na ocupação do Pantanal*. Brasília: Senado Federal, 2007.

PROENÇA, A. C. (Org.). *Memória pantaneira*. Campo Grande, MS: Oeste, 2003.

RIBEIRO, R. A. *Taboco – 150 anos: Balaio de Recordações*. Campo Grande, MS: Prol Editora Gráfica Ltda, 1984.

Artigo recebido em junho de 2012.

Aceito em agosto de 2012.